Foto Keystone
Revista Geográfica Universal - nº 257/Junho 1996
Hong Kong
De Volta Para a China

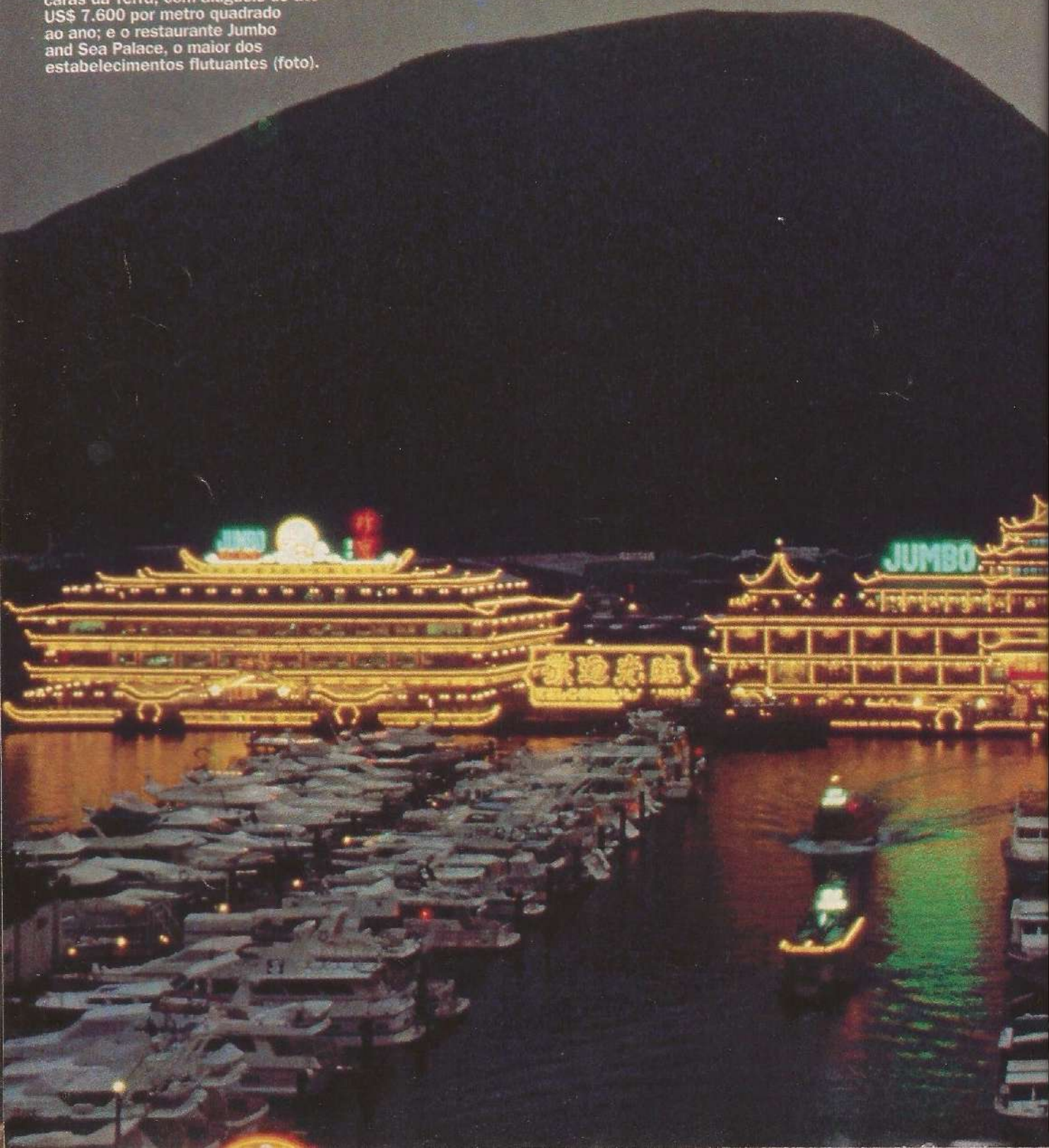
HONG KONG

Ano do Adeus

A colônia inglesa (foto) está em compasso de espera. Dentro de um ano, o território será devolvido à China comunista, num dos processos político-econômicos mais singulares de toda a História. Seu sucesso determinará, em grande parte, a viabilidade do projeto de governo de Deng Xiaoping: " Um país, dois sistemas"

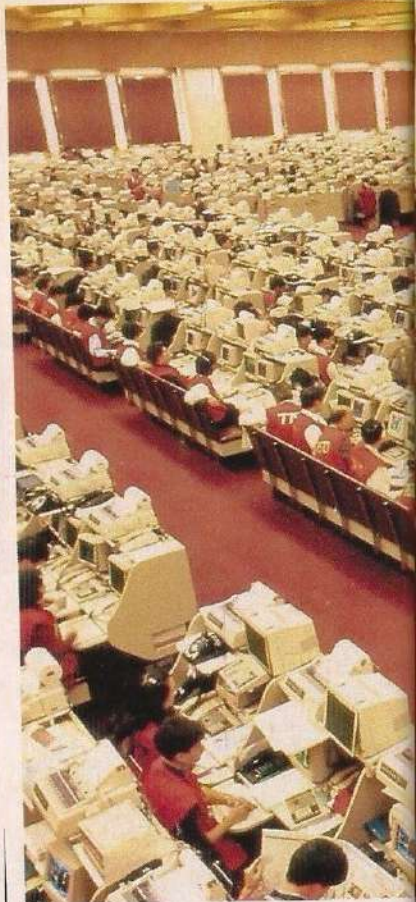
Texto de **ARIADNE GUIMARÃES** • Fotos de **ALAIN BUU – GAMMA**

Paraíso do consumo, Hong Kong é conhecida como a cidade dos recordes

Hong Kong impressiona pelo excesso. Em toda parte, os números do comércio, indústria e construções, em geral desafiam a imaginação. Lá podem ser encontrados, entre outros fenômenos, a maior concentração de Rolls Royce do mundo; a Pedder Street, uma das ruas mais caras da Terra, com aluguéis de até US$ 7.600 por metro quadrado ao ano; e o restaurante Jumbo and Sea Palace, o maior dos estabelecimentos flutuantes (foto).

O primeiro dos chamados *tigres asiáticos* conquistou posições impressionantes nos grandes mercados de ouro e ações

Longe de ser recriminado, o luxo tem lugar de destaque na sociedade de Hong Kong. Ele pode ser observado nos restaurantes, teatros e boates, como a Le B. Boss, na foto acima, com uma área superior a seis mil metros quadrados. Na foto ao centro, a bolsa de valores de Hong Kong, considerada o sexto maior mercado de ações de todo o mundo.

Pouso de piratas, entreposto chave para o tráfico de ópio, paraíso fiscal. Poucos lugares ocuparam funções tão suspeitas e alcançaram tanto crescimento econômico quanto Hong Kong. A pequena colônia inglesa, de 1.071 km² e seis milhões de habitantes, conquistou, entre outros recordes, o título de primeiro *tigre asiático*, o posto de sexto maior mercado de ações do mundo, e apresenta ainda mais símbolos de riqueza emergente, como a maior concentração de Rolls Royce por metro quadrado. Hoje, às vésperas do século XXI, tudo isto parece estar em xeque. Em 365 dias, a contar de 30 de junho de 1996, o território será devolvido ao governo comunista da China, sob a promessa de que a economia de mercado será mantida por mais cinqüenta anos. Será a prova suprema para uma relação delicada, que pode ser resumida na frase de Deng Xiaoping, líder responsável pela abertura parcial da economia chinesa: "um país, dois sistemas".

Enquanto o cronômetro gira, alguns analistas apostam na história como a principal garantia de uma transição tranqüila. Afinal, os dois são parceiros antigos. Zona portuária de pequeno porte, Hong Kong foi uma das primeiras portas de entrada de capitais europeus no Império do Centro. Atraiu vários comerciantes estrangeiros até se tornar, na segunda metade do século passado, num importante ponto de revenda de ópio. A droga era comercializada por traficantes ingleses e elevou a colônia à categoria de ponto estratégico. Na época, os chineses chegaram a oferecer alguma resistência à presença inglesa, mas, após o conflito que ficou conhecido como Guerra do Ópio (1839-1842), a ilha passou à administração do Reino Unido. Anos mais tarde, outras regiões vizinhas à colônia – como Kowloon, Stonecutters, Lan Tao, 235 ilhotas e a parte do continente conhecida como Novos Territórios – foram igualmente anexadas pela Inglaterra, sempre interessada em expandir seus domínios.

A baía de Aberdeen transformou-se numa espécie de apêndice do império chinês. Um entreposto para compra e venda de mercadorias, que seria incrementado principalmente após o advento do governo comunista, em 1949. A revolução levou para lá o dinheiro do império e as poucas fábricas, até então concentradas em Xangai. Este confortável quadro econômico manteve-se ao longo dos anos, com raras exceções. Uma delas aconteceu no final dos anos sessenta, durante a Revolução Cultural. Neste turbulento período, o eco das palavras de ordem dos comunistas varreu o território. E por alguns meses, entre 1967 e 1968, ocasionou vários conflitos nas ruas da colônia, a maioria provocada por jovens seguidores do Bando dos Quatro.

O tempo e os inúmeros interesses comerciais fincados nas pequenas ilhas e no con-

UM verdadeiro formigueiro humano torna possível estas atividades em condições de trabalho que dificilmente seriam elogiadas pelo camarada Mao. O número anual de horas por trabalhador em Hong Kong é de 2.375 (cerca de seis horas e meia por dia, incluindo sábados, domingos e feriados). Da mesma forma, a distribuição de renda na colônia dificilmente agradaria à direção do PCC: as mansões repletas de Rolls Royces e Mercedes-Benz convivem com as habitações públicas, onde se espreme cerca de cinqüenta por cento da população. O governo é o maior proprietário deste tipo de apartamento, com cerca de setecentas mil unidades, constituindo um dos maiores parques imobiliários públicos do mundo. Um número considerável, mas que, infelizmente, não consegue resol-

É preciso muito dinheiro para viver nos endereços quentes da colônia inglesa. Na Pedder Street (foto ao centro), os aluguéis milionários são disputados por grandes empresários. Ao lado, mais um sinal da riqueza emergente: a coleção de Rolls Royce do Peninsula, um dos hotéis mais elegantes e caros do território.

tinente trataram de silenciar estes e outros protestos. Hong Kong continuou crescendo, para a felicidade dos mercados internacionais, e alcançando números impressionantes. Calcula-se hoje que sejam construídos na colônia 140 prédios por dia (cerca de seis por hora). Isto num espaço já exíguo, onde circulam em cada quilômetro 270 veículos, quase quatro vezes mais do que em toda a Grã-Bretanha, onde a média é de 68 carros. As citações no *Guinness, o Livro dos Recordes*, não param aí. Lá são publicados setenta jornais diários e outros seiscentos de periodicidade variada. O território é ainda responsável pelo gerenciamento do mais importante porto de contêineres do mundo – com capacidade de movimentar mais de cem milhões de toneladas por ano!

ver o problema habitacional. A orla da colônia está repleta de sampanas – casas-barcos – muito comuns no Oriente, além de pequenos apartamentos com dois ou três metros quadrados, onde o mesmo cômodo é dividido por várias pessoas, geralmente de idade avançada.

Este contraste entre o luxo e a miséria absoluta pode ser observado em quase toda a região de Hong Kong.

Foto Michel Setboun – Sygma

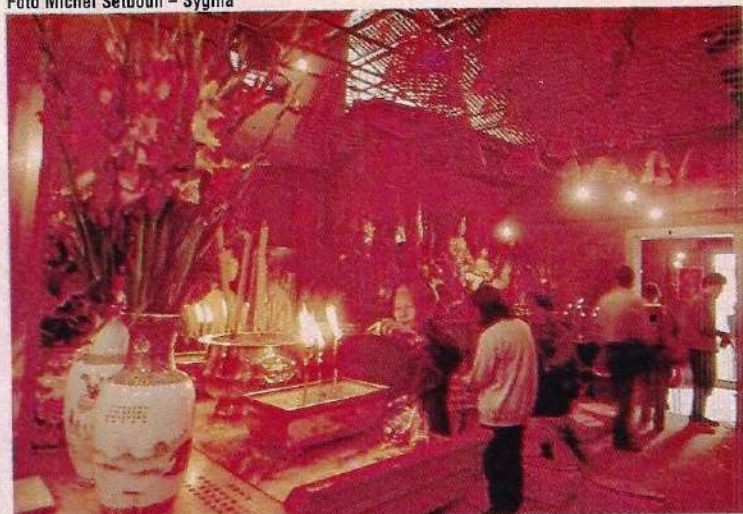



Foto Michel Setboun – Sygma

Centenas de fiéis visitam diariamente templos como o de Man Mo, (foto em cima), ou o Kum Yum (ao lado), localizado na ilha de Lantau. A religião, assim como a dança, culinária e superstições sobreviveram à franca influência do Ocidente trazida pelos colonizadores britânicos. Até hoje, as portarias dos prédios e casas ostentam esculturas de animais protetores, como leões feitos de pedra ou cimento.

No território, os sinais do amor ao luxo e à grandiosidade podem ser notados mesmo na religião

Desde o centro econômico, repleto de prédios gigantescos e ruas de fazer inveja a Nova Iorque, até a zona portuária, lotada de pescadores e pequenos comerciantes. O porto e o centro são, aliás, os órgãos vitais da colônia. Lá estão a Pedder Street , uma das ruas mais caras do mundo, com aluguéis de até US$ 7.600 por metro quadrado ao ano; a bolsa de valores e a bolsa de ouro, uma das maiores da Terra, responsável pela comercialização de 881 toneladas do precioso metal só em 1994; e as milhares de lojas, que atraem turistas de toda parte à procura de mercadorias livres de impostos.

EM tudo, Hong Kong impressiona pelo excesso. Em especial, na zona portuária. Cerca de 165 mil navios cargueiros trafegam pela colônia a cada ano, além de vinte milhões de passageiros. Tudo isso nos arredores de um dos maiores edifícios industriais do mundo, o Porto de Contêineres de Kwai Chung. Esta construção possui uma área de 865.937 metros quadrados, permite o acesso direto de caminhões com até 13,7 metros de altura a cada piso e oferece um estacionamento com 2.069 vagas. Em movimento, o incrível porto perde apenas para o de Roterdã, na Holanda, igualmente localizado numa enseada artificial. Como o país do norte da Europa, a colônia fez do processo de aterrar um importante aliado. Desse modo, estendeu seus limites, possibilitando a criação de novas indústrias e residências. Acredita-se que, só no século XX, quatro mil hectares de terra foram conquistados ao mar, sendo quase a metade dedicada exclusivamente às obras de um novíssimo e arrojado aeroporto.

Mais uma vez, os números são surreais. Mesmo antes de ter concluída a sua expansão, o aeroporto de Hong

A colossal estátua de Buda, erguida no alto de uma montanha na ilha de Lantau, é, para alguns estudiosos, uma das maiores representações do Iluminado existentes no mundo. A escultura possui cerca de 250 toneladas de bronze e 34 metros de altura.

Kong é um dos mais importantes já erguidos no mundo, mobilizando dois mil operários por dia. Ele aumentará a capacidade de transporte de mercadorias chinesas para a ilha, de onde seguirão para todo o mundo. Atualmente, cerca de setenta aviões cruzam todos os dias a fronteira, repletos de mercadorias. Este intercâmbio deve continuar sendo a principal atividade econômica da região. Há dois anos, 25% das importações e 44,1% das exportações da China transitavam pelo porto de Hong Kong. No total, calcula-se que em 1994 sessenta e quatro por cento dos investimentos feitos pelo governo comunista passaram pelos territórios. "A China é uma fábrica. Hong Kong, seu balcão de vendas", resume um diretor de uma *trading* inglesa.

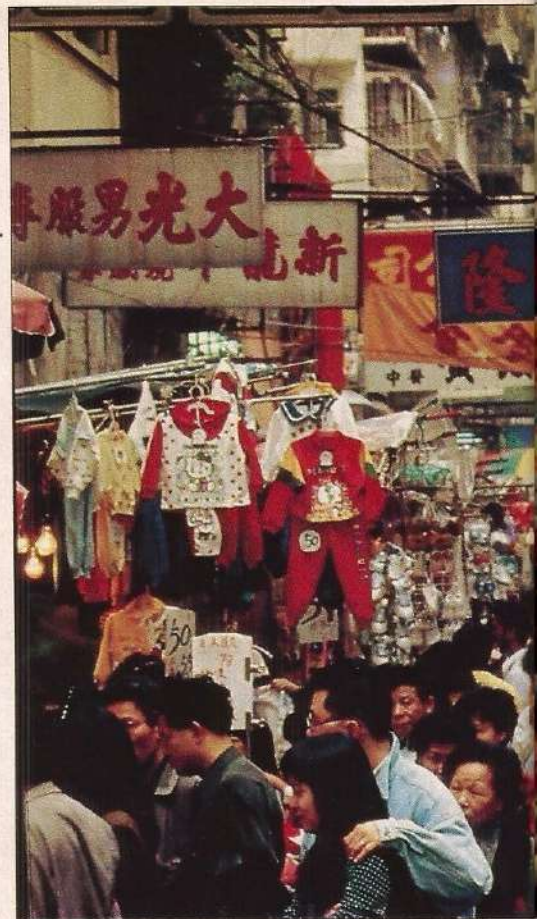
UMA nova e importante ponte de ligação entre os dois pontos foi concluída às vésperas de sua entrega ao governo chinês: a estrada de ferro Beijing–Kowloon. A via expressa possui 2.500 km de comprimento, liga a sede do governo comunista à colônia e demorou três anos para ser finalizada. A obra deixa claras as intenções do governo vermelho: restabelecer a soberania sobre o antigo território de Hong Kong e Macau, que também será devolvida na véspera da virada do século, no ano 1999. Outras mensagens, mais duras, podem ser lidas nas entrelinhas. É o caso de Taiwan. Apesar de não estar acertado nenhum tipo de reintegração, o continente não deixa de enviar recados à ilha. "Continuamos a promover a reunificação da pátria. (...) Taiwan é uma parte inalienável da China", insiste o *premier* do conselho de Estado Li Peng.

Tamanha pressão aumenta a ansiedade em Hong Kong a respeito da mudança de governo. E nem mesmo toda a propaganda comunista devolve a tranqüilidade à população local, composta de 98% de chineses. Dois meses antes do encerramento da entrega dos últimos passaportes britânicos na colônia, foram registradas filas com até dez mil pes-

Um verdadeiro formigueiro humano mantém a colônia em plena atividade todos os dias

soas sob chuva forte. A maioria lutava pela garantia do direito de entrar e sair de Hong Kong sem perigo após a devolução dos territórios. Embora o documento não lhes garantisse a cidadania britânica, o simples fato de permitir o acesso livre aos territórios da Rainha Elizabeth foi considerado um atrativo suficientemente forte para superar qualquer dificuldade.

Outro fator complicador para uma mudança pacífica é o enfrentamento das autoridades inglesas e chinesas. Os conflitos começaram depois do movimento pró-democracia ocorrido em 1989 na Praça da Paz Celestial, em Beijing. Para os chineses de Hong Kong, os protestos apontavam o momento ideal para o início da luta pela garantia dos direitos humanos. Por sua vez, Chris Patten, o governador inglês da colônia, apoiou a iniciativa. Comandou as alterações no sistema eleitoral local, provocando reações iradas por parte do governo comunista. Em especial, na eleição de setembro do ano passado, quando os democratas foram levados ao poder do Conselho Legislativo do território. O partido, considerado subversivo pelos comunistas, ficou a apenas dois votos da maioria parlamentar, o que deu início a reações violentas.

Por sua parte, o Comitê Preparatório da Transição – que conta com 150 membros designados pelo governo chinês – não reconheceu a votação, e decidiu pelo fim do conselho. Ele deverá ser substituído por um governo regional provisório assim que se efetue a mudança. A China também criticou a decisão do governo britânico de dar permissão de moradia no Reino Unido a cinqüenta mil famílias.

À parte as intrigas internacionais, as legítimas tradições orientais resistem aos modismos e pressões políticas. Jovens e velhos ainda são vistos se exercitando pela manhã com o Tai-chi-chuan, milhões de bicicletas cruzam a paisagem, e o vermelho, a cor da felicidade, e o amarelo, cor da fortuna, ainda são uma espécie de mania nacional. Eles estão em quase todos os lugares do território, nas casas, roupas e também nos templos budistas, legítimos herdeiros da milenar cultura chinesa. Entre as mais famosas construções de Hong Kong destaca-se o templo da ilha de Lantau, que ostenta uma escultura de bronze de 250 toneladas de bronze e 34 metros de altura. De fato, a colônia revela-se ainda mais chinesa à mesa – onde os pratos exóticos animam os olhos e o paladar – e nas superstições. É comum encontrar entradas dos prédios

Juntos, comércio e construções, reúnem uma grande massa de trabalhadores nos territórios ingleses. Na foto maior, ao centro, um dia normal de negócios em Kowloon – famoso centro comercial. Embaixo, a reforma do aeroporto de Hong Kong. A obra faraônica mobiliza dois mil operários todos os dias.

e hotéis *guardadas* por leões de pedra ou cimento, e verificar a ausência do número quatorze, sinal de mau agouro.

A crença na sorte é algo tão sério para os moradores dos territórios que, em março de 1994, a placa automobilística de número nove foi vendida num leilão oficial do governo por 13 milhões de dólares de Hong Kong (o equivalente, hoje, a US$ 1.681.759) ao comprador Albert Yeung Sau-shing. A explicação para tamanho absurdo está no horóscopo: em chinês, a palavra *cão* soa como *nine* (nove em inglês), número considerado de sorte em 1994 – o ano do cachorro. O pequeno luxo custou ao comprador mais de oito vezes o preço do Rolls Royce que possuía. Este, entre outros exemplos, denota ainda uma relação com o dinheiro diametralmente oposta à dos chineses do continente. Nas ilhas, o luxo sempre é bem-vindo, seja nos inumeráveis *gadgets* (telefones celulares, computadores e carros da moda), em paraísos como o Jumbo and Sea Palace, o maior restaurante flutuante do mundo, ou boates como a Le B. Boss, com uma área de 6.500 metros quadrados.

Foto Michel Setboun – Sygma

Hong Kong é exatamente esta combinação de poluição, alta tecnologia e gente, muita gente. Um cenário futurista, digno de *Blade Runner*, cheio de incertezas. O maior desafio comunista consiste, na verdade, em equacionar as diferenças entre a glamourosa colônia e a austera – mas nem tanto – República Popular da China. Em descobrir o que deve ser aproveitado por ambas as partes e o que de errado pode ser resolvido ou abandonado. A solução de tão intrincado problema poderá repercutir muito além do Oriente. E apontar, quem sabe, a saída para os entraves econômicos que vêm afligindo o mundo. Caberá possivelmente à China encontrar o meio termo num cenário onde o capitalismo já não é mais o mocinho da história, nem o comunismo o terrível vilão. ❑

Foto Michel Setboun – Sygma

Rica em imagens curiosas, Hong Kong chama a atencão dos viajantes. Atrás de um estádio, cercado de ruas movimentadas, pode estar um tradicional grupo de Tai-chi-chuan (ao lado). Da mesma maneira, a paisagem urbana do porto de Aberdeen pode ocultar pescadores tradicionais e suas *presas* (em cima).